

RUBRICA REPORT(H)A: Environmental Stories

A AMOSTRA GUAPARÊ DO HERBÁRIO (R) DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (MNRJ)

Andreza Gabriela Delamico¹



Amostra de Sellow no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fonte: CRIA (Centro de Referência e Informação Ambiental). 2021. Specieslink - simple search. Disponível em <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 28 nov.2021.

O exemplar da planta apresentada na imagem faz parte da coleção do Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro. É uma espécie conhecida por diversos nomes populares, como Guaperê, vassourão, carne-de-vaca, folha-de-bolo e cajuja (cientificamente por *Clethra scabra* var. *scabra*), e pertence à família *Clathraceae*. São árvores ou arbustos que variam entre 1,5 e 20 metros de altura, encontrados na América Latina, nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Perú, Equador e no Brasil (na Bahia e em todos os estados do Sul e Sudeste (Perdiz, Giulietti e Oliveira,

¹ Mestrado em História e Patrimônio pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-Mail: andreza.delamico@gmail.com

2015)). Com diversos usos para a sociedade, nomeadamente comerciais, a espécie é utilizada na medicina popular como antidiurético, antiinflamatório e antimalárico. Atualmente, é sinalizada como sendo alvo de ameaça, em particular na Bacia do rio Pelotas em Santa Catarina, dado o corte raso e corte seletivo para pastos e abertura de estradas (CNCFlora, 2012), pelo que existem medidas de recuperação de áreas e reflorestamentos com esta espécie (Santos, 2019, p.19).

A amostra selecionada foi recolhida em São Paulo pelo jardineiro, naturalista e botânico alemão, Friedrich Sellow (1789-1831). Sellow chegou ao Brasil em 1814 e participou na expedição de 1815-1817, chefiada pelo príncipe renano Maximilian Alexander Philipp de Wied-Neuwied (1782-1867), contribuindo para a constituição dos espólios das instituições científicas de Berlim. Foi pensionista (hoje diríamos bolsheiro) da coroa portuguesa (o Brasil só se tornou independente do império português em 1822) e, assim, contribuiu com as recolhas de espécies, para o espólio do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ). Sellow é um exemplo dos múltiplos viajantes naturalistas europeus que, sozinhos ou com naturalistas brasileiros, contribuíram para a formação dos espólios dos museus de história natural espalhados pela Europa da época.

Os naturalistas viajavam por territórios desconhecidos, encontrando adversidades múltiplas (clima, doenças, desconfiança dos habitantes e dos poderes administrativos locais). Se alguns indígenas eram pouco amigáveis, outros serviam de guia, conhecedores do terreno, socorrendo-se, ainda, de mulas e negros (escravos) para locomover as caixas que transportavam as espécies colhidas e os objetos pessoais. A natureza apresentava, em simultâneo, o desconhecido e o belo, que os naturalistas procuravam recolher e desenhar, confirmando relatos e desenhos de expedições anteriores, e que serviam para validar ou conhecer algumas espécies, ou acrescentar a novidade de flora (e da fauna) que os espantava.

Sellow contribuiu para a formação das coleções de flora, em especial, o Herbário do MNRJ, e, por isso, é umas das figuras mais citadas como responsável da sua constituição. No final do século XIX, o herbário foi transferido para o Horto Botânico.

Atualmente, temos a possibilidade de acesso *online* a uma parte das espécies que fazem parte do património natural existente naquele Museu e Herbário através da consulta da bases de dados, como a *specieslink*. O repositório criado pelo grupo CRIA (Centro de Referência em

Informação Ambiental) permite acessar as amostras digitalizadas, que, contudo, correspondem apenas a cerca de 14% das amostras do herbário.

Hoje interrogamo-nos acerca da validade científica desta informação, ou seja, como os museus de história natural e os Jardins Botânicos, criados outrora, podem contribuir para a ciência, atualmente. As amostras foram coletadas, preparadas e despachadas pelos naturalistas viajantes, servindo para os estudos daquele momento, mas a verdade é que aquelas expedições, as amostras que colheram e os espaços científicos que foram criados estão interligados, fazem parte de uma rede científica entre o Brasil e o resto do mundo. Esta rede, que as plataformas digitais agilizam, permite a realização de diversos estudos didáticos e científicos, em diversas áreas, contributos para a identificação do património científico, permitindo identificar, preservar, divulgar e discutir a evolução da biodiversidade e o seu mapeamento, desde o século XVIII até aos nossos dias.

Referências Bibliográficas e sítios eletrónicos:

- Centro de Referência em Informação Ambiental. Disponível em: <http://www.cria.org.br/>. Acesso em: 28 nov.2021.
- CNCFlora. *Clethra scabra* in Lista Vermelha da flora brasileira versão 2012.2 Centro Nacional de Conservação da Flora. Disponível em <[http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Clethra scabra](http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Clethra%20scabra)>. Acesso em: 9 dez. 2021.
- Delamico, A.G. (2021) *A presença dos naturalistas alemães Riedel e Sellow na constituição do herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX*. Tese de Mestrado em História e Património. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.
- Perdiz, R. O; Giulietti, A.M e Oliveira, R.P. (2015) Flora da Bahia: Clethraceae. *Sitientibus serie Ciencias Biologicas (SCB)*,v.15, p.10.13102/scb342.
- Santos, M.L. (2019) *Anatomia comparada de Clethra scabra Pers. (Clethraceae) em diferentes altitudes na Serra da Mantiqueira em Itamonte, MG, Brasil*. Tese Doutorado em Botânica Aplicada. Lavras: Universidade Federal de Lavras.

Como citar: Andreza Delamico – “A amostra Guaparê do Herbário (R) do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ)” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2022. Disponível em <https://www.reportha.org/en/stories/item/671-a-amostra-guapare-do-herbario-r-do-museu-nacional-do-rio-de-janeiro-mnrj>